

# Artigo

## A realidade das negociações climáticas

Juliana Russar, analista de programa da CARE Brasil



“Podemos negociar sobre o clima, mas não podemos negociar com o clima e pedir mais tempo” – foi o que um negociador da Indonésia disse em uma das reuniões da Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança do Clima (UNFCCC) que antecedeu a CoP-15, conferência realizada em dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca.

Esta afirmação é muito marcante porque simboliza o estado atual das negociações de clima. A cooperação internacional é mesmo imprescindível, pois só um esforço de todas as nações permitirá que as emissões de gases de efeito estufa atinjam seu pico entre 2015 e 2017 (de acordo com recomendações científicas) e sejam reduzidas drasticamente com objetivos de médio e longo prazo para impedir mudanças climáticas catastróficas. No entanto, o tempo continua passando e não há nenhum acordo à vista, muito pelo contrário. Em 2010, o que se vê é a tentativa de recuperação da confiança perdida dos países em desenvolvimento em relação ao processo da ONU depois da articulação de poucos em torno do “Acordo de Copenhague” e, infelizmente, a ausência de liderança dos países desenvolvidos, que deveriam estar à frente das discussões e da implementação de ações de mitigação, adaptação, transferência de recursos financeiros e transferência de tecnologia, já que foram eles que, ao longo da história, emitiram mais gases de efeito estufa e se beneficiaram disso para se desenvolver.

Deixando as críticas de lado, a Organização das Nações Unidas, mais especificamente a UNFCCC, é o único fórum legítimo para negociar acordos sobre o tema e com capacidade de preservar ao máximo os princípios do multilateralismo, inclusão e transparência. As reuniões do G-8 e do G-20, que nos últimos anos têm incluído mudanças climáticas na agenda, e que este ano acontecerão no final de junho no Canadá, são importantes para que os países discutam, amadureçam e avancem nas suas posições, sem competir ou atrapalhar as negociações no âmbito da UNFCCC.

O próximo encontro da ONU sobre clima acontecerá em junho, em Bonn, Alemanha, onde fica o secretariado da UNFCCC. Aliás, o cargo de Secretário Executivo da Convenção de Clima que, nos últimos quatro anos, foi ocupado pelo holandês Yvo de Boer, passará para as mãos da costa riquenha Christiana Figueres. Mais um gesto para reconquistar a confiança dos países em desenvolvimento.

Entre a reunião de junho em Bonn e a CoP-16, que acontecerá em Cancún, México, no final do ano, os negociadores devem se reunir outras duas vezes. Espera-se que algum avanço seja produzido, principalmente nas discussões sobre REDD (redução das emissões de desmatamento e degradação florestal), transferência de tecnologia e adaptação, que já estão encaminhadas. Mas, por enquanto, as expectativas em torno da CoP-16 são baixas. E assim passa mais um ano...

Contrariando a citação que abriu esse artigo, as negociações de clima têm um ritmo próprio que está totalmente desconectado da realidade. Os países não percebem que se comportando dessa maneira estão levando todos os seres humanos e suas economias cada vez mais para a beira do precipício. Todos serão afetados, principalmente as populações mais pobres, que pouco contribuíram para o aquecimento global, não estão preparadas, nem possuem recursos para se adaptar à ocorrência cada vez maior de eventos climáticos extremos (tempestades, secas, furacões). É justo que essas populações vulneráveis não tenham acesso a recursos apropriados e tecnologias que possibilitem sua adaptação? É justo que a humanidade se auto-extermine?

# Artigo

## A realidade das negociações climáticas

Juliana Russar, analista de programa da CARE Brasil



*\*Juliana Russar é graduada em Relações Internacionais pela USP e especialista em Meio Ambiente e Sociedade pela FESP-SP.*

### Sobre a CARE Brasil

A CARE é uma organização global, com mais de 60 anos de experiência, que trabalha de diferentes formas para combater a pobreza no mundo, com forte atuação também em emergências humanitárias. No Brasil, atua desde 2001 na promoção do desenvolvimento local investindo na geração de renda, educação e mobilização social. Para mais informações, visite: [www.care.org.br](http://www.care.org.br).